PRODUTOR: Emissora Nacional ☒ **RDP** ☐

Nº. de referência: 2

Título: "NATAL"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): TORGA, MIGUEL

Adaptador: MARQUES, ALVARO BELO

Realizador: ESTEVES, CASTELA

Locutor: ?

Data de produção: 16/12/1975 **Data de Emissão:** 25-/12/1975-

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOSÉ GOIVES	NARRADOR
RUI FURTADO	GARRINCHAS
CARMEN JUDITH	UMA VOZ

Estado de conservação: Bom ☐ **Razoável** ☒ **Mau** ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒ **Cópia** ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ **Não** ☒

Nº do Registo Sonoro:

(V.S.F.F.) ⇨

Notas: -DIREC. ARTÍSTICA - RUI DE CARVALHO

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO

MINI-TEATRO

"NATAL"

De Miguel Torga

INTERPRETES:

UMA VOZ _____

NARRADOR _____

GARRINCHAS _____

ADAPTAÇÃO DE:

Álvaro Belo Marques

DIRECÇÃO DE:

_____

REALIZAÇÃO TECNICA DE:

_____

_____

_____

NOTA: Sugere, o adaptador, que as falas de GARRINCHAS tenham o ambiente sonoro decorrente da situação.
Também a fala 9. deve ter um ambiente diferente, talvez de ar livre.

1. Loc. 1 - A Emissora Nacional apresenta, na sua rubrica semanal "Mini-Teatro", o conto de Miguel Torga.
2. Loc. 2 - "Natal"
3. SEP. BREVE
4. Loc. 1 - Extraído do livro "Novos contos da montanha", com edições em 1944, 1945, 1952, 1959 e 1967.
5. Loc. 2 - Em S. Martinho de Anta, em Setembro de 1945, disse Miguel Torga, para o prefácio da 2ª. Edição:
6. MIGUEL TORGA - Querido leitor:

Escrevo-te da Montanha, do sítio onde medram as raízes deste livro. Vim ver a sepultura do Alma Grande e percorrer a via Sacra da Mariana. Encontrei tudo como o deixei o ano passado, quando da primeira edição destas aventuras. Apenas vi mais fome, mais ignorância e mais desespero. Corre por estes montes um vento desolador de miséria que não deixa florir as urzes nem pastar os rebanhos. O social juntou-se ao natural, e a lei anda de mãos dadas com o suão a acabar de secar os olhos e as fontes. Crestados e encarquilhados, os rostos dos velhos parecem pergaminhos milenários, onde uma pena cruel traçou fundas e trágicas legendas. Na cara lisa dos novos pouca mais esperança há. Ora eu sou escritor, como sabes, Poeta, prosador, é na letra redonda que têm descanso as minhas angústias. Mas nem tudo se imprime. Ao lado do soneto ou do romance que a máquina estampa, fica na alma do artista a sua condição de ~~gregário~~ homem gregário. E foi por isso que fiz aqui uma promessa que te transmito: que estava certo de que tu, habitante dos nateiros da planície, terias em breve compreensão e amor pela sorte áspera destes teus irmãos. Que um dia virias ao encontro da aridez e da tristeza contidas nas suas fragas, não como leitor do pitoresco ou do estranho, mas como sensível criatura tocada pela magia da arte e chamada pelos imperativos da vida. Prometi isso porque me senti humilhado com tanto surro e com tanta lazeira, e envergonhado de representar o ingrato papel de cronista de *um* mundo que nem um pode ler. Tomei o compromisso em teu nome, o que quer dizer em nome da própria consciência colectiva. Na tua idéia, o que escrevo, como por exemplo estas histórias, é para te regalar e, se possível for, comover. Mas quero que saibas que ousei partir desse regalo e dessa comoção para te responsabilizar na salvação da casa que, por arder, te deslumbra os sentidos.

Teu, Miguel Torga.

./...

7. SEP. FADE IN

8. NARRADOR - De sacola e bordão, o velho Carrinchas fazia os possíveis por se aproximar da terra. A necessidade levara-o longe de mais. Pedir é um triste ofício, e pedir em Lourosa, pior, Ninguém dá nada.

9. VOZ. - Tenha paciência, Deus o favoreça, hoje não pode ser!

10. NARRADOR - E beba um desgraçado água dos ribeiros e coma pedras!
Por isso, que remédio senão alargar os horizontes, e estender a mão à caridade de gente desconhecida, que ao menos se envergonhasse de negar uma côdea a um homem a meio do padre-nosso. Sim, rezava quando batia a qualquer porta.
Gostavam ...
Lá se tinha fé na oração, isso era outra conversa.
As boas acções é que nos salvam. Não se entra no céu com ladainhas, tirassem daí o sentido.
A coisa fia mais fino! Mas, enfim ...
Segue-se que só dando ao canelo por muito largo conseguiu viver.
E ali vinha de mais uma dessas romarias, bem escusadas se o mundo fosse doutra maneira. Muito embora trouxesse dez reis no bolso e o bornal cheio, o que já lhe custava arrastar as pernas. Derreadinho! Podia, realmente, ter ficado em Loivos. Dormia, e nó dia seguinte, de manhãzinha, punha-se a caminho. Mas quê! Metera-se-lhe em cabeça consoar à manjedoira nativa... E a verdade é que nem casa nem família o esperavam.
Todo o calor possível seria o do forno do povo, permanentemente escancarado à pobreza. Em todo o caso sempre era passar a noite santa debaixo de telhas conhecidas, na madorra dum borralho de estevas e giestas familiares, a respirar o perfume a pão fresco da última cozedura... Essa regalia ao menos dava-a Lourosa aos desamparados. Encher-lhes a barriga, não. Agora albergar o corpo e matar o sono naquele santuário colectivo da fome, podiam. O problema estava em chegar lá. O raio da serra nunca mais acabava, e sentia-se cansado. Setenta e cinco anos, parecendo que não, é um grande carrego.
Ainda por cima atrasara-se na jornada em Feitais. Dera uma volta ao lugarejo, as bichas pegaram, a coisa começou a render, e esqueceu-se das horas. Quando foi a dar conta, passava das quatro. E, como anoitecia cedo, não havia outro remédio senão ir agora a mata-cavalos, a correr contra o tempo e contra a idade, com o coração refilar. Aflito, batia-lhe na taipa do peito, a pedir misericórdia. Tivesse

.../...

paciência! O remédio era andar para diante. E o pior de tudo é que começava a nevar! Pela amostra, parecia coisa ligeira. Mas vamos ao caso que pegasse a valer? Bem, um pobre já está acostumado a quantas tropelias a sorte quer. Ele então, se fosse a queixar-se! Cada desconsideração do destino! Valia-lhe o bom feitio. Viesse o que viesse, recebia tudo com a mesma cara. Abor-recê-se para quê?! Não lucrava nada! Chamavam-lhe filósofo... Areias, queriam dizer. Importava-lhe lá.

E caía, o algodão em rama! Caía, sim senhor! Bonito! Felizmente que a Senhora dos Prazeres ficava perto. Se a brincadeira continuasse, olha dormia no caBido! O que é, sendo assim, adeus noite de Natal em Lourosa...

Apressou mais o passo, fez ouvidos de mercador à fadiga, e foi rompendo a chuva de pétalas. Rico panorama!

Com patorras de elefante e branco como um moleiro, ao cabo de meia hora de caminho chegou ao adro da ermida. À volta não se enxergava um palmo sequer de chão descoberto. Caiados, os penedos lembravam penitentes. Não havia que ver: nem pensar noutro pouso. E dar graças!

Entrou no alpendre, encostou o pau à parede, arreou o alforge, sacudiu-se, e só então reparou que a porta da capela estava apenas encostada. Ou fora esquecimento, ou alguma alma pecadora forçara a fechadura.

Vá lá! Do mal o menos. Em caso de necessidade, podia entrar e abrigar-se dentro. Assunto a resolver na ocasião dívida... Para já, a fogueira que ia fazer tinha de ser cá fora. O diabo era arranjar lenha.

Saiu, apanhou um ~~bucado~~ braçado de urgueiras, voltou, e tentou acendê-las. Mas estavam verdes e húmidas, e o lume, depois de um clarão animador, apagou-se. Recomeçou três vezes, e três vezes o mesmo insucesso. Mau! Gastar os fósforos todos é que não.

Num começo de angústia, porque o ar da montanha tolhia e começava a escurecer, lembrou-se de ir à sacristia ver se encontrava um bocado de papel.

Descobriu, realmente, um jornal a forrar um gavetão, e já mais sossegado, e também agradecido ao Céu por aquela ajuda, olhou o altar. Quase invisível na penumbra, com o divino filho ao colo, a Mãe de Deus parecia sorrir-lhe.

11. GARRINCHAS - Boas festas!

12. NARRADOR - Desejou-lhe então, a sorrir também: (2 TEMPOS)

.../...

contente daquela palavra que lhe saíra da boca sem saber como, voltou-se e deu com o andor arrumado a um canto. E teve outra idéia. Era um abuso, evidentemente, mas paciência.

13. GARRINCHAS - Morrer de frio, isso virgula! Vou escavacar o arcanjo. Clarila! Na altura da romaria que arranjem outro novo!

14. NARRADOR - Daí a pouco, envolvido pela negrura da noite, o coberto, não desfazendo, desafiava qualquer lareira afortunada. A madeira seca do palanquim ardia que regalava; só de se cheirar o naco de presunto que recebera em Carvas crescia água na boca; que mais faltava?

Enxuto e quente, o Garrinchas dispôs-se então a ceiar. Tirou a navalha do bolso, cortou um pedaço de broa e uma fatia de febra, e sentou-se. Mas, antes da primeira bocada, a alma deu-lhe um rebate e, por descargo de consciência, ergueu-se e chegou-se à entrada da capela. O clarão do lume batia em cheio na talha dourada e enchia depois a casa toda.

15. GARRINCHAS - E servida?

16. NARRADOR - A Santa pareceu sorrir-lhe outra vez, e o menino também.
E o Garrinchas, diante daquele acolhimento cada vez mais cordial, não esteve com meias medidas: Entrou, dirigiu-se ao altar, pegou na imagem e trouxe-a para junto da fogueira, dizendo com a pureza e a ironia dum patriarca.

17. GARRINCHAS - Consoamos aqui os três. A Senhora faz de quem é; o pequeno a mesma coisa; e eu, embora indigno, faço de S. José.

18. MÚSICA

19. LOC. 1 - Adaptado por Álvaro Belo Marques e dirigido por _____ _____ apresentamos o conto de Miguel Torga "Natal".

20. LOC. 2 - Foram intérpretes:
Uma Voz _____
NARRADOR _____
GARRINCHAS _____

..../...

21. LOC. 1 - Miguel Torga leu o seu prefácio da segunda edição do livro "Novos contos da montanha".

22. LOC. 2 - Realização técnica de _____

_____

_____

23. MÚSICA FINAL

D.S.P.
R P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Titulo do programa "Miniteatro" Natal". **Referência** { N.º/R.P.L. … N.º S.P.P.

Episódio N.º **Datas** { da gravação 16 de Dezembro de 1975 às 9,15 horas. / da 1.ª emissão 25 de Dezembro de 1975 Programa

Director artístico Rui de Carvalho

Ruy de Carvalho

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
José Gomes	Narrador	José Gomes
Rui Furtado	Garrinchas	Furtado
Carmen Judith	Uma Voz	s/ vencimento

Pessoal da Emissora Nacional

~~Produtor~~ Realizador - Castela Esteves

~~Locutor~~ montagem 6ª feira às 18 horas.

Captação

Gravação Rui Remigio

Lisboa, 16 de Dezembro de 1975.

Visto do Chefe da S.P.P.

Mod S P 139